



Poemas criados  
durante o período  
literário da literatura  
brasileira

## Século XVI:Quinhentismo.

>Poema de José de Anchieta "Jesus na manjedoura":

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado?

- Jazo aqui por teu pecado.

- Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza,  
Como estais em tal pobreza?

- Por fazer-te glorioso E de graça mui colmado, Jazo  
aqui por teu pecado.

- Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino,  
Que vos fez tão pequenino?

- O amor me deu este véu, Em que jazo embrulhado,  
Por despir-te do pecado.

- Ó menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade,  
Quem vos fez de tal idade?

- Por querer-te todo o bem E te dar eterno estado, Tal  
me fez o teu pecado.

Século XVII:Barroco.

>Poema de Bento Teixeira"Prosopopeia":

Cantem Poetas o Poder Romano, submetendo Nações  
ao jugo duro; o Mantuano pinte o Rei Troiano,  
descendo à confusão do Reino escuro; que eu canto  
um Albuquerque soberano, da Fé, da cara Pátria firme  
muro, cujo valor e ser, que o Céu lhe inspira, pode  
estancar a Lácia e Grega lira.

As Déléficas irmãs chamar não quero, que tal  
invocação é vão estudo; aquele chamo só, de quem  
espero a vida que se espera em fim de tudo. Ele fará  
meu Verso tão sincero, quanto fora sem ele tosco e  
rudo, que por razão negar não deve o menos quem deu  
o mais a míseros terrenos.

E vós, sublime Jorge, em quem se esmalta a Estirpe  
d'Albuquerque excelente, e cujo eco da fama corre e  
salta do Carro Glacial à Zona ardente, suspendei por  
agora a mente alta dos casos vários da Olindesa gente,  
e vereis vosso irmão e vós supremo no valor abater  
Querino e Remo...

Século XVIII:Arcadismo ou neoclassicismo.

>Poema de Basílio da gama"O uraguai":

Ergue de jaspe um globo alvo e rotundo, E em cima a  
estátua de um Herói perfeito; Mas não lhe lavres  
nome em campo estreito, Que o seu nome enche a  
terra e o mar profundo.

Mostra na jaspe, artífice facundo, Em muda história  
tanto ilustre feito, Paz, Justiça, Abundância e firme  
peito, Isto nos basta a nós e ao nosso mundo.

Mas porque pode em século futuro, Peregrino, que o  
mar de nós afasta, Duvidar quem anima o jaspe duro,  
Mostra-lhe mais Lisboa rica e vasta, E o Comércio, e  
em lugar remoto e escuro, Chorando a Hipocrisia. Isto  
lhe basta. Do autor.

Primeira metade do século XIX: Romantismo.

> Poema de Gonçalves Dias "Canção do exílio":

Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá; As aves, que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá. Nosso céu tem mais estrelas, Nossas várzeas têm mais flores, Nossos bosques têm mais vida, Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite, Mais prazer encontro eu lá; Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores, Que tais não encontro eu cá; Em cismar — sozinho, à noite — Mais prazer encontro eu lá; Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra, Sem que eu volte para lá; Sem que desfrute os primores Que não encontro por cá; Sem qu'inda aviste as palmeiras, Onde canta o Sabiá.

Fins do século XIX:Parnasianismo e simbolismo.

>Poema de Olavo bilac"Ouvir estrelas":

"Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo, Perdeste o senso!"  
E eu vos direi, no entanto, Que, para ouvi-las, muita  
vez desperto E abro as janelas, pálido de espanto...  
E conversamos toda a noite, enquanto a Via-Láctea,  
como um pálio aberto, Cintila. E, ao vir do sol,  
saudoso e em pranto, Inda as procuro pelo céu  
deserto.

Dizeis agora: "Tresloucado amigo! Que conversas com  
elas? Que sentido Tem o que dizem, quando estão  
contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las! Pois só quem  
ama pode ter ouvido Capaz de ouvir e e de entender  
estrelas".

Primeiras décadas do século XX:Pré-modernismo.

>Poema de Euclides da Cunha"Rimas":

Ontem – quando, soberba, escarnecias  
Dessa minha paixão – louca – suprema  
E no teu lábio, essa rósea algema,  
A minha vida – gélida – prendias...

Eu meditava em loucas utopias,  
Tentava resolver grave problema...  
Como engastar tua alma num poema?  
E eu não chorava quando tu te rias...

Hoje, que vivo desse amor ansioso  
E és minha – és minha, extraordinária sorte,  
Hoje eu sou triste sendo tão ditoso!

E tremo e choro – pressentindo – forte,  
Vibrar, dentro em meu peito, fervoroso,  
Esse excesso de vida – que é a morte...

Segunda metade do século XIX: Realismo ou naturalismo.

> Poema de Raul pompeia "O ateneu":

Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita, dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam.

Depois que sacudi fora a tranca dos ideais ingênuos, sentia-me vazio de ânimo: nunca percebi tanto a espiritualidade imponderável da alma: o vácuo habitava-me dentro”.

E, como as evoluções da vontade sabem extrair de qualquer fato a hermenêutica do determinismo, deu-se imediatamente uma ocorrência que ponderou muito na transformação.

Este foi o caráter que mantive, depois de tão várias oscilações.

Porque parece que às fisionomias do caráter chegamos por tentativas, semelhante a um estatuário que amoldasse a carne no próprio rosto, segundo a plástica de um ideal; ou porque a individualidade moral a manifestar-se, ensaia primeiro o vestuário no sortimento psicológico das manifestações possíveis.